

AS FORÇAS DO PATRIARCALISMO EM *O CESTO*, DE MIA COUTO: A VIUEZ DA MULHER MOÇAMBICANA E A ESPERANÇA DE UM EMPODERAMENTO

Eliana Pereira de Carvalho

Doutoranda em Letras/Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN

Campus CAMEAM

RESUMO

O livro *O fio das missangas*, de Mia Couto, é composto de vinte e nove contos. *O cesto* é o terceiro desse conjunto de ‘missangas’, sustentadas pelo fio narrativo desse autor moçambicano. Nesse conto, encontramos uma silenciosa mulher e seu moribundo marido, ambos anônimos, na tessitura de um instante de suas vidas. A proposta deste trabalho é a de descrever os silêncios que configuram a personagem feminina do conto *O cesto*, de Mia Couto, relatando os apagamentos produzidos pela dominação e submissão patriarcal, representadas, na narrativa, pela figura do marido e do cesto. Dentro desse contexto patriarcal, pretendemos, ainda, verificar o empoderamento feminino numa dicotomia possibilidade-viueze/impossibilidade-morte.

Palavras-chave: O cesto. Mia Couto. Patriarcalismo. Empoderamento feminino.

Introdução

António Emílio Leite Couto, autor moçambicano, cujo pseudônimo no meio literário é Mia Couto, é reconhecido como um dos principais escritores da literatura dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Biólogo e escritor, é um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal. Mundialmente, suas obras já foram traduzidas e publicadas em vinte e quatro países, com adaptações para o teatro e o cinema. Por alguns de seus livros e pelo conjunto da obra, já agraciou prêmios nacionais e internacionais. É o único escritor africano que, como sócio correspondente, eleito em 1998, é membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de n. 5, que tem por patrono Dom Francisco de Sousa¹.

O reconhecimento nacional e internacional desse escritor moçambicano, transformando sua escrita em leitura quase que obrigatória nos cursos, principalmente de Letras, dentro das universidades brasileiras e portuguesas, assim como sua descendência portuguesa, atualmente vem provocando um deslocamento do parecer da crítica literária pós-

¹ Informações obtidas através do sítio de Mia Couto. Disponível em < <http://www.miacouto.org/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

colonial, que favorece a saída de Mia Couto das margens para o centro, ou seja, a inclusão deste no denominado cânone literário; fato este que causa estremecimento da utilização de sua escrita em paralelo com uma estética que se contrapõe ao cânone, como a literatura africana, considerada ‘literatura menor’, no sentido exposto por Kafra².

Embora nunca tenha abandonado a poesia, seu reconhecimento se deve à escrita de seus romances e contos. A preocupação com Moçambique e seu povo é a tônica de suas narrativas. Estas, no entanto, revestem-se de uma forma de narrar que beira ao poético e ao mágico, assemelhando-se, em muito, às escritas do brasileiro Guimarães Rosa e do colombiano Gabriel García Márquez.

Dos seus escritos, puxamos *O fio das missangas* para apresentar a tessitura do conto *O cesto*, o terceiro de um conjunto de vinte e nove contos da obra em questão. Acompanhando o fio narrativo desse pequeno conto, cuja profundidade do narrado ultrapassa sobremaneira a extensão física do gênero **conto**, encontramos uma silenciosa mulher e seu marido; ambos anônimos.

O breve instante da vida dessas duas pessoas captado pelo olhar do contista apresenta o angustiante e reflexivo velar de uma mulher ao pé do leito do marido, que jaz moribundo em uma cama de hospital, esperando sua anunciada morte. Se o pronome possessivo ‘sua’, anteriormente expresso, pareceu dúbio, não é aqui obra do acaso, mas da realidade que circunscreve a vida da personagem feminina de *O cesto*, como veremos a seguir. Afinal, tanto na vida como na literatura, há muitas maneiras de se morrer.

A proposta deste trabalho é a de descrever os silêncios que configuram a personagem feminina do conto de Mia Couto, relatando os apagamentos produzidos pela dominação e submissão patriarcal, representadas, na narrativa, pela figura do marido e do cesto. Dentro desse contexto patriarcal, pretendemos, ainda, verificar o empoderamento feminino numa dicotomia possibilidade-viuvez/impossibilidade-morte. Para tanto, estabelecemos um diálogo entre o conto de Mia Couto, *O cesto*, e outras vozes que irão se confrontar com o autor moçambicano na fundamentação deste trabalho.

A viuvez da mulher e as amarras patriarcais de um marido morto

² Para mais informações sobre o termo, ler “Kafra: por uma literatura menor”, de Gilles Deleuze e Felix Guattari.

A segunda metade do século XX trouxe consigo uma profunda mudança de pensamento que propiciou a reavaliação do pensamento hegemônico. Nesse período, assistimos a uma emergência das margens, a uma revolta contra o poder dominante. No palco dessa cena contestatória, encontramos as mulheres hasteando a bandeira do feminismo, que se fundamenta e se justifica, segundo Bonnici (2007, p. 87), “pela experiência compartilhada da opressão feminina”. Essa luta das mulheres, no entanto, já vinha sendo construída desde os fins do século XIX, já que, no século XVIII, conforme Perrot (2007, p. 11), “ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais”.

Esse cenário de luta em prol da libertação e emancipação das mulheres do modelo patriarcal vigente, entretanto, refere-se a uma mulher que circula no denominado mundo ocidental, regido pela civilização eurocêntrica em que a representação de mulher, já então deformada, pouco se assemelhava com a mulher africana dos PALOP, em que, nessa época, ainda se encontrava sob o domínio do colonizador português, tornando-se, dessa forma, duplamente colonizada: enquanto ser africano e enquanto mulher.

A dupla colonização da mulher no cenário pós-colonial repousa nas ideias paternalistas da cultura europeia. De acordo com Spivak (2010, p. 66-67): “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. Essa obscuridade repercute na ausência de uma história que contemple a mulher no espaço pós-colonial. Ausência esta que não nos permite ir além das concepções acerca da mulher ocidentalizada para falarmos de uma mulher inserida no espaço ambivalente do pós-colonial povoado de duplos, principalmente no que concerne a inserção da mulher em dois modelos de casamento: o monogâmico e o poligâmico.

De um lado ou outro da fronteira cultural, contudo, não resta a esta mulher nada além do enclausuramento no espaço privado da casa, espaço este onde nem sempre para a mulher era dado total controle, como explicita Hegel e Comte (2010, citados por Perrot, p. 178):

Hegel fala da ‘vocação natural’ dos dois sexos. ‘O homem tem sua vida real e substancial no Estado, na ciência ou em qualquer outra atividade do mesmo tipo. Digamos de modo geral no combate e no trabalho que o opõem ao mundo exterior e a si mesmo.’ A mulher, pelo contrário, é feita para a piedade e o interior. ‘Se colocam mulheres à frente do governo, o Estado se encontra em perigo [...]. Auguste Comte vai ainda mais longe, já que fala da

‘inaptidão radical do sexo feminino para o governo, mesmo da simples família’, em virtude da ‘espécie de estado infantil contínuo’ que caracteriza o sexo feminino. O doméstico não lhe poderia ser entregue sem controle; mas concorda-se em confiar às mulheres — dentro de certos limites — a família, a casa, núcleos da esfera privada. (PERROT, 2010, p. 178, grifos da autora).

Embora Perrot trate aqui da mulher de uma cultura eurocêntrica, a mesma concepção não se anula ante a mulher moçambicana, tendo em vista o envolvimento de Moçambique no processo de colonização europeia e, ademais, a constituição de uma cultura nativa onde a mulher não tem, tal qual a cultura europeia, um direito a fala e a uma existência autônoma, independente de um ser masculino, como ratifica Heritier (2002 citado por SANDE, 2011, não paginado):

No contexto moçambicano tradicional, a mulher é vista como uma pessoa que desempenha principalmente dois papéis: ser esposa e mãe. A ela são atribuídas apenas tarefas domésticas. O trabalho e a emancipação da mulher é vista como não tendo uma necessidade aparente, pois existe a ideia de que se as mulheres têm uma aptidão para fazer filhos, devem limitar-se exclusivamente a este papel e aos seus anexos de amamentação e serviço. As mulheres não são vistas nem tratadas como sujeitos de direito, como os homens são. [...] este conceito de mulher existente nas sociedades tradicionais de Moçambique, é semelhante ao conceito que existia nas sociedades antigas do Ocidente, antes do processo de emancipação da mulher. (HERITIER, 2002, citado por SANDE, 2011, não paginado)

Como vimos, em se tratando da condição da mulher, há inúmeras semelhanças entre a cultura eurocêntrica, denominada ocidental, e a cultura moçambicana tradicional. É claro que há um certo anacronismo entre o conto *O cesto*, de Mia Couto, e as falas de Perrot e Sande. O conto, apesar de não temporalizar a narrativa, parece tratar de uma representação feminina, contextualizada em uma Moçambique atual, tendo em vista a publicação de *Os fios das missangas*, em 2003. A fala de Perrot revela a mulher ocidental do século XIX; ao passo que Sande aborda o conceito de mulher dentro de comunidades moçambicanas tradicionais.

Todavia, fato é que, em pleno século XXI em que vivemos, a mulher ainda segue em busca de sua emancipação, mesmo dentro de uma cultura ocidental que, em termos de rupturas do modelo patriarcal, já alcançou inúmeras conquistas. No que concerne ao contexto de uma Moçambique da atualidade, Sande (2011, não paginado) relata que os ecos de emancipação feminina ainda são pequenos ante a visão patriarcalista das comunidades tradicionais, sendo que esses ecos são mais perceptíveis apenas em zonas urbanas. Para as

zonas rurais dessa Moçambique atual, a concepção de mulher privada de seus direitos ainda é uma constante.

O cesto, de Mia Couto, apresenta uma representação de mulher a partir da perspectiva de uma autoria masculina. Este fato, por si só, já interfere na análise dessa figura feminina do conto em questão; fato este que não se constitui o foco de nosso trabalho aqui. Por outro lado, necessário se faz que saibamos negociar nossos olhares, inundados por percepções eurocêntricas, para a análise dessa representação feminina dentro de um contexto moçambicano, mesmo diante das inúmeras semelhanças do conceito de mulher em uma ou outra cultura, vistos aqui anteriormente.

Da data de independência de Moçambique (1975) até a data da publicação original de *O fio das missangas* (2003), somamos apenas vinte e oito anos; é um curto espaço de tempo para que se operem mudanças profundas em um território, cujo passado colonial trouxe para o presente da nação a marca da violência e da apropriação, e que, em conjunto com uma cultura nativa tradicional, ainda predominante, reafirma a condição de inferioridade da mulher. Dessa forma, ouçamos agora as vozes que ecoam do conto e do canto dessas mulheres moçambicanas, silenciadas pelo patriarcalismo em moldes africanos: “Pela milésima vez me preparo para ir visitar meu marido no hospital. Passo uma água pela cara, penteio-me com os dedos, endireito o eterno vestido. Há muito que não me detenho no espelho. Sei que, se me olhar, não reconhecerei os olhos que me olham”. (COUTO, 2009, p. 21)

A narradora-protagonista de *O cesto* revela, logo de início, a condição de submissão em que se encontra. O marido pode ser visto como a metáfora do patriarcalismo que, embora se mostre em vias de extinção, ainda mantém sua força dominadora, obrigando a figura feminina a manter-se segundo os rituais de dominação. O espelho é o espaço de descoberta de um ‘outro’, que é o mesmo diferenciado; tocado pelo domínio da figura masculina.

Nesse espaço de descoberta de um ‘outro’, percebemos a existência de um duplo que incorpora o dominado e o subversivo. A mulher percebida no espelho é a que tem consciência de sua condição de submissão e que, diante dessa condição, já não consegue enxergar seu duplo que carregava em si o signo da liberdade. O reflexo é seu, mas a pessoa que ela visualiza já não é a mesma que ela conhecia e na qual, antes, percebia-se.

De acordo com Bravo (2000, p. 282), “a literatura tem a vocação de pôr em cena o duplo”. Para a autora (2000, p. 264), o duplo começa a representar o heterogêneo a partir de fins do século XVI. Nesse aspecto dual do heterogêneo, “o sujeito de desejo entra em choque

com a personalidade, imagem imposta pela sociedade” (BRAVO, 2000, p. 276). Na representação do duplo no conto *O cesto*, há uma anulação do ‘eu’ que se mostra no espelho. O ‘outro’ visualizado se anula ante as exigências da sociedade patriarcal vigente:

Hoje será como todos os dias: lhe falarei, junto ao leito, mas ele não me escutará. Não será essa a diferença. Ele nunca me escutou. Diferença está na marmitta que adormecerá, sem préstimo, na sua cabeceira. Antes, ele devorava os meus preparados. A comida era onde eu não me via recusada. (COUTO, 2009, p. 21)

Como mostra o excerto acima, há um silenciamento perene da figura feminina, que não é ouvida. Embora dotada de fala, esta não se torna necessária no meio patriarcal devido ao fato de não ser a fala um atributo destinado à mulher nesse meio. Todos os esforços da personagem são para atender aos desejos do marido; seu próprio desejo, há muito que foi aniquilado pelo desejo do ser masculino. Dessa forma, o que a narrativa apresenta é uma materialização da fala de Engels (citado por MONTERO, 2007, p. 10), mostrando que, na constituição dos gêneros, a mulher é um ser secundário, que não possui voz.

Nas sociedades dos PALOP, essa sujeição possui, por um lado, e de forma acentuada, a marca dos costumes nativos em que a mulher, como assinala Osório (2004, p. 09), “é reconhecida pela sua afectividade na parentela, projectando essa imagem na sociedade e satisfazendo-lhe as expectativas”; por outro, intensificando essa sujeição da mulher, conferindo-lhe uma dupla sujeição, temos a marca da colonização portuguesa que deixou no homem africano a representatividade de seus valores na relação homem x mulher.

Através da citação anterior de *O cesto*, percebemos uma recusa da autonomia da figura feminina em todos os aspectos. A única forma que ela possui de se sobressair é no espaço da cozinha, por meio da comida que prepara e que satisfaz o paladar do marido. É neste espaço, o espaço do privado, que lhe fora destinado desde o princípio, que ela não se vê recusada. É por intermédio deste lugar e desta função que a personagem feminina ganha alguma visibilidade nesse mundo patriarcal. Sem esse espaço de percepção visível, ela se perde na sombra total. Uma sombra que antes era parcial, tendo em vista esse campo do visível, como mostra o trecho:

Olho em redor: não mais a mesa posta o aguarda, pontual e perfumosa. Antes, eu não tinha hora. Agora perdi o tempo. Qualquer momento é de meu debicar, encostada a um canto, sem toalha nem talheres. Onde eu vivo não é

na sombra. É por detrás do sol, onde toda a luz há muito se pôs. Só tenho um caminho: a rua do hospital. Vivo só para um tempo: a visita. Minha única ocupação é o quotidiano cesto onde embalo os presentes para o meu adoecido esposo. (COUTO, 2009, p. 22)

Tudo o que ainda lhe resta agora é a visita ao marido, é a preparação do cesto para ele, com suas deliciosas comidas que ele tanto adorava e que agora, em decorrência da doença, não mais deseja. O cesto, assim, mostra-se inútil, sem função, pois as guloseimas nele contidas já não são mais objetos de desejo do marido. O sistema patriarcal torna-se obsoleto assim como o cesto, ante a iminente morte do marido. Contraditoriamente, a mulher se sente apagada, silenciada totalmente, visto que os espaços e lugares ocupado por ela são à sombra do ser masculino (o marido). Sem o ser masculino responsável pela projeção dessa sombra, o feminino não se reconhece. É seu domínio que estabelece o que ela é: o submisso. É através de sua relação com o outro, o ser masculino dominante, que ela sabe o seu lugar de pertença, que ela se reconhece como pessoa. Na ausência desse outro, não há mais existência para a personagem. Ela não é sequer sombra.

Não obstante esse sentimento de perda de seu referencial, a mulher vislumbra, nesse futuro de viúva, a possibilidade de um empoderamento:

Regresso a mim, ajeito no fatídico cesto o farnel do dia [...]. Estou de saída, para a minha rotina de visitadora quando, de passagem pelo corredor, reparo que o pano que cobria o espelho havia tombado, sem querer noto o meu reflexo. Recuo dois passos e me contemplo como antes nunca o fizera. E descubro a curva do corpo, o meu busto ainda hasteado. Toco o rosto, beijo os dedos, fosse eu outra, antiga e súbita amante de mim. O cesto cai-me da mão, como se tivesse ganhado alma. [...].
— *Só peço um oxalá: que eu fique viúva o quanto antes!* (COUTO, 2009, p. 23, grifo do autor)

A opressão e o domínio patriarcal anunciam seu fim com a morte do marido. A protagonista se percebe como mulher, como controladora de seus desejos e vontades. Ela agora se vê, se percebe, se reconhece na antiga mulher e, por instantes, deseja a libertação de si, a morte do marido. O cesto cai simbolizando o rompimento com o sistema dominante. No espelho, ela acha seu ‘outro’ perdido: “o espelho devolve a minha antiqüíssima vaidade de mulher, essa que nasceu antes de mim e a que eu nunca pude dar brilho”. (COUTO, 2009, p. 23).

A partir desse momento, para aquela mulher, o mundo se torna perceptível. Ela adquire a percepção de si e, em contrapartida, percebe sensivelmente o mundo que a contém, cada detalhe, em uma espécie de epifania³. Na entrada da enfermaria, porém, ela recebe a notícia: “— *Seu marido morreu. Foi esta noite*”. (COUTO, 2009, p. 24). Começa aqui a possibilidade de um empoderamento com a morte do marido, com a morte da representação do sistema patriarcal.

A perspectiva de empoderamento feminino, obtido por meio da possibilidade de concretude da viuvez, ressignifica a narradora-personagem do conto que, diante da condição do novo estado civil, almeja ser inundada pelo sentimento de liberdade que agora se apresenta, retirando-a da sua atual condição de inferioridade e de submissão: “Saio do hospital à espera de ser tomada por essa nova mulher que em mim se anunciava” (COUTO, 2009, p. 24). Enfim viúva e livre da opressão e submissão masculina, pensa, por um momento, a personagem de *O cesto*. A viuvez, dentro de uma perspectiva patriarcal, foi, para muitas mulheres ocidentais, a possibilidade de um empoderamento, como relata Montero (2007, p. 23):

Fora do convento e da ‘vida fácil’, só existiu para as mulheres outra grande via de escape da tutela masculina: a viuvez. Sobretudo em relação às responsabilidades de mando: por trás da quase absoluta totalidade das mulheres que alcançaram o poder antes do século XX há um marido morto. (MONTERO, 2007, p. 23)

Para uma mulher moçambicana, todavia, era necessário acordar para o fato de que um marido morto não confere a ela o empoderamento, como bem compreende nossa personagem: “Ao contrário de um alívio, porém, me acontece o desabar do relâmpago sem chão onde tombar” (COUTO, 2007, p. 23). Em Moçambique, o papel de subalterno é algo inerente à figura feminina tanto nas sociedades matrilineares como nas patrilineares. Lá, segundo Osório (2009, p. 10), “nas sociedades matrilineares, o local de residência é o da família da mulher e o pai social dos filhos do casal é o irmão da mulher, enquanto nas sociedades patrilineares,

³ A palavra epifania, *epiphaneía* (= manifestação, aparição), de origem grega (*epi* = sobre; *phaino* = aparecer, brilhar), pode ter duas acepções. Na acepção necessária a este trabalho, a de caráter literário, definida por Affonso Romano de Sant'Anna (1973), temos como o “relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação”. (MORAES, Rozânia Maria Alves de. *Epifania e 'crise'*: uma análise comparativa em obras de Clarice Lispector e Marguerite Duras. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/download/2056/1490>>. Acesso em: 07 set. 2016).

como as analisadas em Gaza, o pai social é o pai biológico, sendo os filhos pertença da família do pai”.

Em outras palavras, tanto nas sociedades matrilineares quanto nas patrilineares, a figura do homem, do ‘pai’, é sempre a dominante, não havendo espaço de mando para a mulher. Mesmo diante da morte do marido, a viuvez não significava a libertação da mulher da figura patriarcal. Em seu texto *O significado da viuvez para a Mulher* [moçambicana], Temba (2004, p. 2) explicita que

a viuvez é mais pesada para a mulher do que para o homem, sendo muitas vezes a morte do marido associada a um feitiço feito pela mulher para o matar e ficar com os bens [...]. A mulher tem que ser sempre viúva para toda a vida, o modelo cultural patriarcal cria vários constrangimentos com o intuito de evitar que a viúva volte a casar e tenha uma vida normal [...]. O modelo patriarcal cultural que predomina na nossa sociedade [a moçambicana], usando como pretexto a preservação dos bens deixados pelo falecido, exerce de forma aberta e cruel a violação dos direitos da mulher. (TEMBA, 2004, p. 2)

Em *O cesto*, de Mia Couto, percebemos bem essa violação dos direitos da mulher. A narradora-protagonista não consegue se desvencilhar de sua subalternidade mesmo diante da morte do marido. Ela reconhece que o empoderamento é uma impossibilidade e tudo o que lhe resta é a morte, a morte de si mesma, a morte daquele duplo que ela visualizou no espelho. O regresso a si mesma é impossível, assim como seu empoderamento. Se, como mulher casada, nossa protagonista não tem direito à emancipação, pois o domínio de si foi dado ao marido pela figura de um pai ou irmão; como viúva, as amarras do patriarcalismo permanecem, seja pelo enlutamento eterno, que a destitui de uma existência como mulher, seja pelo novo domínio ao qual é submetida, passando a ser propriedade do irmão do falecido.

Considerações finais

Em *O cesto*, de Mia Couto, vimos a representação de uma figura feminina que, anonimamente, percorre aquilo que Simone de Beauvoir denomina de ‘destino de mulher’. Enquanto casada, essa figura feminina se empenha em satisfazer os desejos do marido, enquanto trata de esquecer os seus. Envolvida em profundos silêncios, ela acompanha os passos do marido, despersonalizando-se e se tornando apenas sombra da figura masculina. Com a doença do marido, ela perde o direito de ser sombra e se consome no ritual de visitas

ao moribundo e preparação do cesto, que é a reafirmação do domínio, que mesmo diante da morte, mantém-se intacto. Neste momento, seu único espaço é o hospital, seu único tempo são as visitas ao marido.

Seja em vida, na doença ou na morte, o marido de *O cesto* permanece vivo, reafirmando sua posse em relação à protagonista, sua esposa. Em determinadas sociedades africanas, com a morte do marido, a mulher é obrigada a contrair matrimônio com algum irmão do falecido, continuando assim o jugo da pertença a este, uma vez que a ela não é dado o direito de se casar novamente sem que seja com alguém da família do falecido. Nos casos em que o homem é casado com diversas mulheres, à mais velha, à primeira mulher, é dado o direito de não contrair casamento com um irmão do falecido, porém esta terá que permanecer viúva até à morte (SANDE, 2011, não paginado).

Uma vez viúva, além de ser obrigada a outro casamento involuntário, a mulher se vê destituída do direito a uma herança, mesmo os bens que trouxe para o casamento. Ademais, ela se vê privada do direito de si e dos filhos⁴. Tudo o que é e o que possui ou possuiu é pertença da família do marido morto, reafirmando, assim, o jugo patriarcal a que a mulher é imposta desde o nascimento, com o domínio do pai ou do irmão, até a morte, com o domínio do marido e da obrigação de contrair casamento dentro da parentela do falecido.

A narradora-protagonista de *O cesto* guarda essa certeza de continuação do jugo patriarcalista, mesmo diante da morte do marido. Em função disso, ela percebe que o empoderamento feminino, ou mesmo o simples direito de ser dona de si, não é adquirido com a viuvez. A única possibilidade de liberdade é a morte física, já que a morte simbólica é sua velha conhecida.

Dessa forma, o silêncio da narradora-protagonista prossegue, marcando também o silêncio das mulheres moçambicanas. O sistema patriarcal ainda vigente trata de perseverar o apagamento dessas mulheres, trata de calar suas vozes. No entanto, há sempre aquelas que se rebelarão, que ganharão espaço para garantir seu direito de voz, seja para revelar as atrocidades do sistema dominante ou para criticá-lo, propondo negociações e mudanças e permitindo que os ecos de emancipação feminina ganhem força.

⁴ Artigo que apresenta uma parte dos resultados da pesquisa realizada no âmbito do *Projecto Situação Legal da Mulher* (WLSA), durante a terceira fase do projeto com o tema “FAMÍLIAS EM CONTEXTO DE MUDANÇA” (1992-1995), dando continuidade às fases anteriores, “Direito de Alimentos” e “Sucessão e Herança”. Equipe de Investigação: Isabel Casimiro, Ximena Andrade, Eulália Temba. Disponível em: <<http://www.wlsa.org.mz/boletim-outras-vozes>>. Acesso em 07 set. 2016.

Mia Couto dá à protagonista de *O cesto* um simbólico direito de voz, ao permitir uma narrativa em primeira pessoa, embora modulada por uma autoria masculina. Outras narrativas, no entanto, preferem garantir o direito de uma autorrepresentação através de uma escrita de autoria feminina que denote as fissuras do sistema patriarcal, como ocorre com Paulina Chiziane, escritora moçambicana que trata em suas obras da condição feminina dentro de um sistema contaminado pela poligamia masculina.

Referências

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekintet al. 3. ed. Brasília: UNB; Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000. p. 261-288.

COUTO, Mia. *O cesto*. In: *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MONTERO, Rosa. *História das mulheres: introdução*. Tradução Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

OSÓRIO, Conceição. *Mulher, poder e democracia - I*. WLSA (Women and Law in Southern Africa) Moçambique. Boletim Outras Vozes, 9. Maputo, novembro de 2004. Disponível em: <<http://www.wlsa.org.mz/boletim-outras-vozes>>. Acesso em 07 set. 2016.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SANDE, Elias Ricardo. *Conceito de mulher: perspectiva africana*. Blog Olhos do Psicólogo. nov. 2011. Disponível em: <<http://eliasantaylor85.blogspot.com.br/2011/11/conceito-de-mulher-perspectiva-africana.html>>. Acesso em 11 out. 2016.

TEMBA, Eulália. *O significado da viuvez para a Mulher*. WLSA (Women and Law in Southern Africa) Moçambique. Boletim Outras Vozes, 9. Maputo, novembro de 2004. Disponível em: <<http://www.wlsa.org.mz/boletim-outras-vozes>>. Acesso em 07 set. 2016.

***THE FORCES OF PATRIARCHALISM IN “O CESTO”, BY MIA COUTO:
THE VIOLENCE OF THE MOZAMBICAN WOMAN AND THE HOPE OF
AN EMPOWERMENT***

ABSTRACT

*The book *Os fios das missangas*, by Mia Couto, is composed of twenty-nine tales. *O cesto* is the third of this set of 'beads', supported by the narrative thread of this Mozambican author. In this tale we find a silent woman and her moribund husband, both anonymous, in the tessitura of an instant of their lives. The proposal of this work will be to describe the silences that make up the female character of the tale *O cesto*, by Mia Couto, recounting the deletions produced by patriarchal domination and submission, represented in the narrative by the figure of the husband and the basket. Within this patriarchal context, we also intend to verify female empowerment in a dichotomy of possibility-widowhood / impossibility-death.*

Key words: *O cesto. Mia Couto. Patriarchy. Feminine empowerment.*

Envio: Novembro/2016

Aceito para publicação: Dezembro/2016

VERBUM - CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO - ISSN 2316-3267, V. 6, N. 1 (DOSSIÊ: LUSOFONIA), JAN. 2017